

OK IBIA

CABRAL, Isabella; AMARAL REZENDE, M. A. *A gênese da pintura*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo/Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

Acaso/o erro/ Quando a pintura nega a pintura
H. Fiaminghi

p. 9

O acaso na minha Pintura é princípio, meio e fim. Na releitura do que está pintado, volto à Pintura que já havia pintado, isto é: faço todo o percurso de novo, quantas vezes ocorrerem os acasos. Faço, assim, meu próprio exercício, memorizo e exercito a minha pincelada/forma. Para mim é importante o acaso que ocorra ou não – é preciso estar atento porque este acaso é fugaz.

Sou pintor, discípulo e público ao mesmo tempo – concomitantemente. Não tenho pressa em acabar uma tela – o final vem a seu tempo. Quando uma tela volta de uma exposição, se ela continuava dizer-me coisas – volto sobre ela. Substituo o projeto prévio pelo projeto enquanto constante visualização – varreduras ópticas – meu olho laser transforma minha retina/memória em scanner: seleciona, separa cor por cor, suas variações e tonalidades, para, posteriormente, repô-las e sobrepô-las. Soma física? Soma óptica? Soma impressa? = Pintura.

O “erro” na minha Pintura nada mais é que um caminho que sugere o acaso – uma proposta de acerto. É através desse suposto “erro” que são denunciadas novas estruturas, planos, cores sobrepostas – transparências. Quando vou para a tela em branco que não me dá dicas, parece que estou indo para a guerra – não sei se tenho volta. Faço da minha tela um campo de contradições para ter razões de reflexões – penso/ reflito / ajusto / executo. Há quadros que realizo num lapso de pensamento. Preciso formar idéias – para ter idéias. Meu pincel tinge o espaço na minha retina, que devolvo à tela no repinto/repente. Pintar assim é como elaborar um dicionário – palavras que geram outras palavras. Trabalho programado sem programa – o programa acontece na própria obra.

Reaprendo a Pintura – pintando. E digo que a Pintura é uma amante exigente: escraviza.

p. 10 (depoimento da introdução, portanto deslocado do texto anterior)

Às vezes não sei onde vai dar, não sei o que vou fazer em seguida. Tenho uma imagem geral, um sonho pensado, mas, quando começo a pintar, nem tudo sai da mão. Preciso do quadro semi-realizado, mas não sei como vou terminar. Sento e olho. Olho. Olho. Até surgir uma informação. E ela surge. Porque as formas que tenho no quadro dizem o que devo fazer.

H. Fiaminghi